

MIGRAÇÃO, TRABALHO E ESCOLA: A INSERÇÃO DOS ALUNOS NORDESTINOS NO COLÉGIO ESTADUAL INDEPENDÊNCIA NO MUNICÍPIO DE QUIRINÓPOLIS/GO EM 2015

MIGRATION, WORK AND SCHOOL: THE INSERTION OF STUDENTS FROM THE BRAZILIAN NORTHEAST IN THE INDEPENDÊNCIA STATE SCHOOL IN THE CITY OF QUIRINÓPOLIS, GO IN 2015

JOSIANE DE AZEVEDO COSTA

Graduanda em Geografia da Universidade Estadual de Goiás, unidade de Quirinópolis/GO e bolsista da pesquisa referida.
josiane@essegseguros.com.br.

LORRANNE GOMES DA SILVA

Professora do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás, Campus de Quirinópolis. Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais, Campus de Goiânia/GO.
lorrannegomes@gmail.com

Resumo: Este texto é produto de pesquisa monográfica em andamento e propõem avaliar a inserção dos alunos migrantes nordestinos no Colégio Estadual Independência no município de Quirinópolis/GO em 2015. A escolha deste tema está relacionada a situações vivenciadas e por pesquisas preliminares, que confirmaram as dificuldades que os alunos migrantes nordestinos enfrentam em sua inserção nas salas de aulas em Quirinópolis. As dificuldades observadas são variadas e vão do processo de adaptação ao lugar, na aceitação dos colegas, em compreender as diferenças no ensino, quanto ao preconceito com relação ao sotaque nordestino e muitas vezes às condições sociais, a discriminação, o bullying, entre outros. Além disso, sabe-se que o acolhimento por parte da escola nem sempre é prazeroso, demonstrando existir diferenças em relação ao tratamento dispensado aos alunos migrantes e não migrantes. Dessa forma, como é possível ajudá-los na adaptação e garantir que possam aprender? É preciso pensar na práxis da escola como um todo, rever os conceitos e criar condições para que esses alunos sejam respeitados e tenham garantido o que é de direito a todos – uma educação de qualidade. Nesse sentido, é importante criar alternativas que promovam a inserção e garanta os direitos desses alunos. A pesquisa é qualitativa e terá como metodologias a pesquisa bibliográfica e a aplicação de questionários, com os alunos migrantes nordestinos da escola referenciada; professores e gestores da escola. Para a escrita do texto autores como Amorim (2012), Rodrigues (2007), Freire (1996), Teixeira (2012), entre outros foram fundamentais.

Palavras Chave: Inserção. Migrante. Escola. Quirinópolis

Abstract: This text is fruit of an ongoing monographic research and seeks to assess the insertion of migrant students from the Brazilian Northeast in the Independência State School in the city of Quirinópolis, GO in 2015. The choice of this topic is related to situations experienced and preliminary researches, which have confirmed difficulties that those migrant students endure when they are inserted in the Quirinópolis classrooms. The observed drawbacks are varied and range from the adaptation process to the acceptance of classmates to understand differences in terms of teaching. Furthermore, there is prejudice against the Northeastern accent, and often, against social condition, discrimination, bullying, among others. Moreover, we are aware that the school reception is not always pleasant, which demonstrates differences regarding treatment towards migrant and non-migrant students. Thus, how is it possible to help them to adapt and guarantee their learning? It is necessary to think about the school praxis as a whole, revise concepts and create conditions for the students to be respected and to have guaranteed what is a universal right – quality education. In this context, it is important to create

alternatives that promote their insertion and guarantee their rights. This is a qualitative research which resorts to bibliographic researches and questionnaires, with the migrant students from the Brazilian Northeast in the school mentioned above; teachers and school management staff. Authors such as Amorim (2012), Rodrigues (2007), Freire (1996), Teixeira (2012) have been fundamental for the theoretical framework.

Keywords: Insertion. Migrant. School. Quirinópolis.

INTRODUÇÃO

O presente texto objetiva retratar como se deu a inserção dos alunos migrantes nordestinos no Colégio Estadual Independência no município de Quirinópolis/GO em 2015. A escolha do tema está relacionada com situações vivenciadas e através de leituras que apontam várias dificuldades que o aluno migrante tem em novas adaptações, sobretudo, no espaço escolar.

Para essa investigação foram utilizados como metodologia: pesquisas e levantamento bibliográfico; visitas nas escolas escolhidas para a investigação e levantamento histórico nas mesmas sobre a entrada de alunos migrantes; elaboração e aplicação de entrevistas e questionários aos alunos migrantes; professores e gestores da escola.

A importância da pesquisa e sua contribuição social é possibilitar visibilizar o problema apresentado, colocá-lo no debate escolar e contribuir para reflexões a cerca do tema a fim de que a unidade escolar reveja as práticas e colabore nas dificuldades encontradas pelos alunos migrantes no espaço escolar, já que a escola se apresenta como um grande lugar de oportunidades e aprendizado relacionados com essas diferenças culturais que são apresentados no dia-a-dia.

Nesse sentido, a geografia poderá ser uma disciplina norteadora que poderá contribuir para pensar o conceito de migração bem como compreender a situação dos alunos migrantes na escola. A disciplina tem uma importante ferramenta que é o próprio conteúdo que ela aborda bastante dinâmico e amplo o que pode ajudar na discussão do tema e principalmente na sua compreensão.

A MIGRAÇÃO E O SUJEITO MIGRANTE: deslocamentos e adaptações

A migração é rodeada de diversas contradições e complexidades, pois aborda características muito particulares de cada migrante, que sai da sua região ou país para um lugar desconhecido ou diferente daquele que vive.

Com a mudança muitas vezes drástica de vida, o migrante, tenta aos poucos reorganizar-se no novo lugar no qual escolheu para morar. Esse período de adaptação requer

cuidados e atenção e conhecer o espaço em que vive é um bom começo. O processo de adaptação é variado, às vezes demorado, há pessoas e famílias que não se adaptam e retornam para o lugar de origem, às vezes é rápida e com o tempo a vida volta a ter uma normalidade cotidiana envolvida de novos signos e elementos.

Sabe-se que as motivações que levam as pessoas ou famílias migrarem são diversas, entre elas: a questão econômica; familiar ou pessoal podem ser consideradas. Portanto, muitas vezes essa motivação acaba por interferir diretamente na adaptação do migrante porque ele cria uma expectativa ao seu novo espaço sem saber realmente o que o espera. De acordo com Waldman, (2012, p. 21):

O ato de migrar pode ser realizado pelas mais diversas causas. Motivações acadêmicas, profissionais, tratamentos de saúde, laços familiares, catástrofes naturais, perseguições políticas, falta de estrutura adequada e desrespeito aos direitos humanos fundamentais nos países de origem, são somente algumas razões que mobilizam pessoas a deixar um país no qual são nacionais para tentar uma nova em um Estado estrangeiro.

Ao sair do seu lugar de origem o migrante encontra-se afastado de tudo aquilo que ele sempre conviveu e tenta formar novos ciclos de amizades, com pessoas que com certeza tem costumes bastante diferentes do dele, é a partir desse momento que começa as dificuldades do migrante, pois nem sempre ele aceita as diferenças do outro nem o outro aceita ou compreende sua maneira de agir, pensar, falar.

Dessa forma pode acontecer uma adaptação forçada do migrante às novas relações e ao lugar de vivência, no intuito de conseguir uma aceitação mais rápida e uma melhor adaptação, segundo Amorim (2012 p. 45 e 46):

Se o processo de migração faz com que os envolvidos se tornem diferentes do que eram antes, isso não significa que necessariamente ocorram descontinuidades de identidades e costumes, o que parece mais provável é que aconteça uma redefinição dos mesmos, porém, a partir de algo e não como se as pessoas estivessem suspensas no ar sem ancoragem cultural. Os migrantes em muitos casos parecem viver uma situação “translocal”, eles habitam dois mundos, o que ocorre com tensões, contradições e sofrimento.

Amorim (2012) apresenta a situação do migrante e seu desafio de adaptação ao chegar a um lugar estranho e diferente do seu de origem. Novos elementos culturais são incorporados na vida do migrante assim como os seus na vida de outras pessoas. É justamente alguns elementos da cultura como o vestuário, o sotaque, a culinária, o caminhar, entre outros que provocam o estranhamento entre o migrante e a pessoa que já habitava aquele espaço. Assim, ele acaba ficando muitas vezes preso a dois mundos: o seu de origem e o novo que se apresenta completamente diferente.

Sabe-se que os movimentos migratórios não trazem apenas mudanças para os próprios migrantes, ele também tem uma importante ação no espaço e na sociedade. De acordo com Rodrigues (2007, pag 22) a migração não afeta somente o migrante, nesse contexto ele aponta que:

É lógico que esse processo se desdobra em todos os outros setores sociais que envolvem a construção da vida dos indivíduos num tempo determinado. Essa constatação abre uma frente para se compreender dois elementos: a dimensão espacial da migração que demonstra que, por exemplo, os lugares participam de maneira diferenciada do processo; e a dimensão histórica que testemunha que em diferentes períodos históricos o fenômeno tem causas, condicionantes e fatores próprios.

Rodrigues (2007) descreve que além da reorganização do espaço e da sociedade o migrante atua também nas mudanças políticas, econômicas, ambientais e culturais. Por isso a inserção dessas pessoas está também relacionada ao processo de inclusão social que para Aranha (2000, p.2): “é um tema bastante complexo, “trata-se da garantia de acesso de todos a todas as oportunidades sejam quais forem as peculiaridades de cada indivíduo ou grupo social.”

Os deslocamentos dos migrantes são sempre guiados por razões bem fortes, a busca pela realização ou melhoria financeira, pessoal ou profissional é muito presente e muitas vezes eles criam expectativas que não acontecem no seu lugar de destino. Assim, quando este não retorna, sua adaptação requer paciência de ambas às partes, dos que ali vivem e dele mesmo, para acostumar a novo modo de vida.

O próximo subitem apresentará as relações e adaptações dos migrantes no espaço escolar.

A ESCOLA E OS MIGRANTES: acesso e qualidade

Ao considerar o contexto apresentado, nota-se que a escola pode ser um espaço de estranhamento para o migrante, que acostumado com metodologias diferentes, tem dificuldade de adaptação e aprendizagem. E por mais, que a escola esteja preparada para lidar com a chegada de migrantes, estes, podem ser prejudicados pela falta de planejamento, preconceito e dificuldades diversas.

Sabe-se que tanto o acesso à escola quanto a educação de qualidade é um direito de todos os cidadãos brasileiros independente de sua origem, classe social, cor, etnia, idade. Portanto, há ainda muito que se evoluir na educação brasileira, sobretudo, no que se diz

respeito à qualidade. A inclusão educacional não pode ser um processo que se concretiza apenas no ato da matrícula, mas na garantia de que o aluno receba condições mínimas de aprendizagem e tenha condições futuras e intervir socialmente.

Os diversos tipos de discriminação e preconceito relacionados aos migrantes podem promover traumas que os deixam tristes e os fazem sentir incapazes e inferiores, afetando seu processo de inserção social e as novas adaptações. De acordo com Silva e Moraes (2009 p. 14):

A sala de aula expressa de forma clara e objetiva, as contradições de nossa sociedade, com seus conflitos de ordem social, política, econômica e cultural. É na sala de aula que se observa a distorção da sociedade, manifestada na conduta dos alunos. A manifestação discente está, em parte, relacionada aos fatores externos: condições socioeconômicas das famílias, ao grau de instruções dos pais, os escassos recursos públicos, a política educacional entre outros. Não é necessário listar inúmeros problemas para perceber que essas questões atuam em conjunto e se articulam num eterno conflito aberto, nesse processo expresso no cotidiano.

Desse modo, o espaço escolar enquanto elemento integralizador da sociedade deve possibilitar uma boa receptividade e planejamento para receber os migrantes, da forma que esses se sintam a vontade para aprender e participar da construção dos conhecimentos e das futuras intervenções sociais. Por isso, compreende-se que o princípio da inclusão deve estar presente na escola. Ao receber um migrante, vindo de outro lugar, ou região, ou país, a escola precisa dar acesso para que este indivíduo se adapte aos novos modelos de ensino.

O professor precisa considerar que o migrante é um importante representante da diversidade cultural, pois abrange diversas situações como o modo de vida, a maneira de conviver com as pessoas, as crenças, tradições, enfim, tudo o que é único do seu lugar de origem e que se torna diferente aos olhos das outras pessoas. Para Santos (2014, p. 104):

O lugar de trabalho do professor permite um constante contato com elementos culturais da comunidade na qual a escola está inserida, tais como vestimentas, gestualidade, sotaques, músicas, expressões religiosas, etc. Tal pluralidade cultural pode ser vista como um aliado do trabalho docente, ou até como um agravante. Este profissional, por sua vez, se vê em situações em que precisa escolher entre o acolhimento, a tolerância ou eventualmente a rejeição a certos elementos da cultura com que tem contato em seu dia a dia.

Para esse acolhimento o papel da escola e do professor é fundamental e necessário para a integração do indivíduo no espaço escolar e com as relações socioculturais aí estabelecidas. Conforme Freire (1996, p. 19):

[...] As vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. [...] O que um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à educação por si mesmo. (FREIRE, 1996, P.19).

De acordo com os estudos de Aranha (2004, p.07): “A escola inclusiva é aquela que garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades”.

Assim, quando o professor se propõe em compreender melhor a vida e as particularidades da região na qual o migrante tem suas origens, o processo de integração é mais leve e prazeroso, pois este considera, sobretudo, a troca de conhecimentos e a possibilidade de interagir com as diferenças e fazer disso um instrumento do conhecimento. Para Marques (2007, p. 13):

Ter conhecimento, ainda que sumariamente, das características das línguas e das culturas específicas da comunidade de origem dos aprendentes, parece-nos fundamental não só para ter consciência do “outro”, mas porque permite entender como surgem alguns erros no processo de aquisição da língua [...].

A Geografia, nesse sentido é uma das disciplinas que pode auxiliar o professor e oferecer uma profunda reflexão sobre as diferenças. E a escola tem um importante e difícil papel junto à sociedade de educar nas diversas diferenças socioculturais existentes no espaço escolar, sem distinções, discriminações e preconceito. Silva (2011, p. 34 e 35), considera que:

O grande desafio das escolas é conseguir educar na diferença, respeitando os valores e as crenças de cada um. Logo, o ensino do tema das migrações não só pode como deve contribuir para a formação de cidadãos do mundo, geograficamente competentes!

Sabe-se que quando a educação é realizada respeitando as diferenças o espaço escolar passa ser democratizado e a educação libertária e interdisciplinar. É necessário um olhar diferente sobre a inserção do aluno migrante na escola, pois o espaço escolar tem inúmeras ferramentas que podem ser capazes de ajuda-lo no processo de ensino-aprendizagem desses alunos.

Portanto, infelizmente quando observada a prática escolar a recepção dos migrantes não é tão calorosa e respeitosa quanto deveria. De acordo com Santos (2014, p. 111) em sua pesquisa feita na escola de Nova Iguaçu no Rio de Janeiro um aluno do terceiro ano do ensino médio de uma escola federal declara que ao chegar ao município de Nova Iguaçu, transferido do município de Natal no Rio Grande do Norte, logo foi apelidado de “paraíba”, “cabeça de rapadura”, “comedor de calango e “etíope brasileiro”. As provocações partiam dos alunos, mas os professores não interferiam e, na maioria das vezes, fingiam que não percebiam o que estava acontecendo.

E esse não é apenas um caso pontual, sabe-se que na maioria dos casos situações como essa são enfrentadas pelos alunos nordestinos cotidianamente nas escolas brasileiras em diferentes regiões, onde a escola não se posiciona nem mesmo o professor, aceitando os insultos como se isso fosse normal. Na cidade de Quirinópolis casos como esse apontado por Silva (2014), podem ser evidenciados. Como mostra o texto que segue.

A MIGRAÇÃO NORDESTINA EM QUIRINÓPOLIS

Quirinópolis é um município brasileiro localizado no sudoeste do Estado de Goiás, pertencente à mesorregião do sul goiano, como mostra a figura 01:

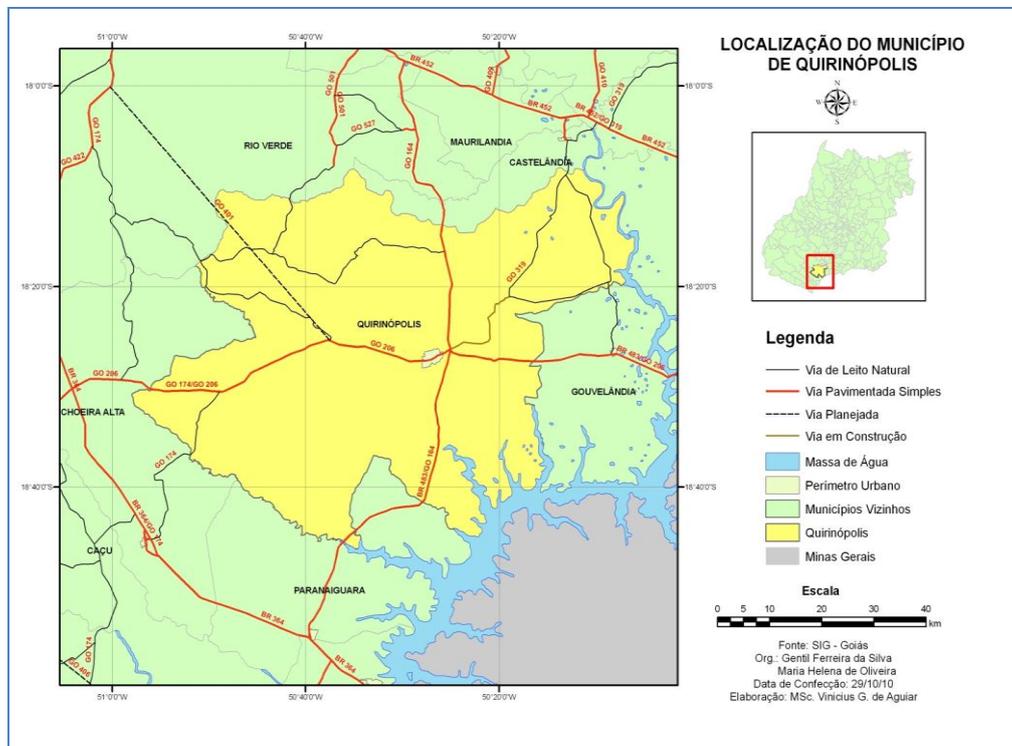


Figura 01: localização do município de Quirinópolis/GO
Fonte: Autores, 2015.

O município ocupa uma área de 3.780 km². Sua população de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em (2010), era de 44.233 habitantes. Sua área representa 1.1115 % da área do Estado. Do total de sua área, 7,8955 km² é urbanizada. 84,42 % de sua população vivem em área urbana, sendo que 15,58 % vivem no campo.

Quirinópolis sofreu nas últimas décadas, reorganizações em sua forma, e principalmente em sua função. A substituição da agricultura tradicional camponesa, pelas

atividades do agronegócio¹ mudou a dinâmica produtiva do município bem como da população tanto do campo como da cidade.

O agronegócio constitui, no século XXI, uma das formas do capital manifestar o seu poder de (re) produção através da conquista do espaço geográfico. O que tem acontecido em Quirinópolis é reflexo do que tem ocorrido no estado de Goiás, no bioma Cerrado e no mundo.

O agronegócio tem se instalado em vários países do mundo, e acaba (re) produzindo novas relações sociais de produção ao criar novos setores produtivos, incorporando novos espaços e/ou reunificando espaços que, em outro momento histórico os havia separado. De acordo com Arruda (2013, p.74):

Em todos os setores constituintes das atividades produtivas agropecuárias, passa a ocorrer cada vez mais racionalização dos processos produtivos, que é permeado pela organização social e técnica do trabalho de modo a acelerar a produtividade e ampliar as condições de produção de excedentes, e auferir lucros. Produção esta, que envolve diferentes capitais e processos de trabalho, em lugares distintos, porém, concomitantemente articulados ao mercado por meio da geração de valor.

Dessa forma, com a mundialização do capital, manifestada nas atividades ligadas ao agronegócio, eleva-se o volume e a intensidade de transações entre as cidades que passam a constituir locais estratégicos da economia global, cumprindo papel de suporte para essas atividades tornando mais indissociáveis as relações entre o local-global, como é o caso de Quirinópolis.

A instalação das Usinas Sucroalcooleiras São Francisco e Nova Fronteira Bioenergia trouxeram para a cidade reorganizações em todas as instâncias. Depois dos empreendimentos das usinas Quirinópolis passou a manter relações com centros longínquos (Estados Unidos, Japão, Suécia) por meio das transações que são estabelecidas pelas corporações agroindustriais presente no seu espaço e por meio de uma economia urbana, pautada na exportação de commodities agrícolas.

A chegada do agronegócio remodelou vários fatores locais, que somaram pontos positivos e negativos para cidade. Entre os positivos, pode-se destacar: o aumento demográfico (o município passou a ser atrativo para mão de obra, impulsionando migrantes de outras regiões, sobretudo do nordeste); aumento do número de empregos; aumento do comércio, das instituições de saúde e educação; aquecimento do setor imobiliário; melhor

¹ Negócio da terra. Envolve o processo de instalação de empresas agroindustriais, constituindo-se em um complexo industrial que reúne a comercialização de insumos e bens de produção para a agricultura, seu processamento e comercialização. **Fonte:** <http://pt.wikipedia.org>. Acesso, agosto, 2015.

qualidade de vida, devido ao aumento da renda per capita dos moradores; aumento do consumo, atraindo a vinda de novas empresas; entre outros.

Entre os negativos evidencia-se: aumento da violência; roubos e prostituição; aumento do custo de vida (é preciso considerar que o crescimento do município e a renda das pessoas são dispare e desigual, não são todas inseridas na nova dinâmica produtiva, o que gera aumento da desigualdade social); aumento da poluição do ar e das águas; enfraquecimento dos solos; a “expulsão” de alguns pequenos proprietários de terra do campo (sabe-se que os acordos prevalecem e contribuem apenas os interesses do capital); crescimento desordenado da cidade; entre outros.

A busca por trabalho e melhores condições de vida foram fatores que estimularam a vinda de famílias nordestinas para Quirinópolis que viram nas atividades do agronegócio uma boa alternativa de emprego. Resta saber, como essas pessoas foram recebidas no município, principalmente as crianças e os jovens que adentraram em um “novo espaço escolar”. O próximo item evidenciará algumas questões sobre a inserção de alguns alunos nordestinos.

A INSERÇÃO DOS ALUNOS MIGRANTES NORDESTINOS NO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO INDEPENDÊNCIA NO MUNICÍPIO DE QUIRINÓPOLIS/GO EM 2015

Os alunos nordestinos que estudam no Colégio Estadual Independência somam em 2015, aproximadamente 20 alunos e vem grande parte dos estados da Bahia e Maranhão.

A maioria dos alunos acompanham seus pais, que vem em busca de melhores condições de trabalho, outros em número menor, vem sozinho guiado pela busca de emprego e melhoria de vida, o que demonstra nesse segundo caso um atraso nos estudos, pois alguns estão com idade bem avançada para estar no ensino médio devido à necessidade de trabalhar. Além da questão da aceitação seja na forma de agir, nota-se também nos históricos dos alunos a dificuldade do ensino aprendizagem.

Para a composição dos dados foram entrevistados 10 alunos. Sendo 75 % do sexo masculino e 25 % do sexo feminino. Segundo os entrevistados o sotaque é um elemento que incomoda alguns alunos e as piadas, apelidos aparecem meio a brincadeiras. Disse a entrevistada A que:

Não sofri nenhum tipo de preconceito, muito pelo contrario fui muito bem recebida por colegas de sala e professores, mas acho que não fui ainda motivo de piados porque meu sotaque não é muito carregado. Já presenciei outros colegas que vem de escola também da região nordeste e tem o sotaque mais carregado ou estão mais

presos aos seus costumes de origem, sofrerem mais porque soam como diferentes aos olhos dos alunos goianos e são mais alvos de piadinhas e comentários desnecessários.

Sobre a receptividade os alunos migrantes entrevistados consideram que foi bom e que primeiramente o choque foi com os conteúdos e as formas de ensinar. Para o entrevistado B:

A comunicação professor-aluno é difícil de entender às vezes, os professores passam muitas atividades ditadas e eu tenho muita dificuldade em entender o que a professora fala por causa da diferença de sotaque e do sentido de alguns termos e palavras. Más, nunca falei nada com a professora, tenho vergonha.

A reclamação das atividades ditadas foi recorrente entre os entrevistados. E a forma de ensinar os conteúdos também. Disse a entrevistada C:

Acho que os professores tem que nos ajudar adaptar com tantas mudanças e ter mais atenção em tirar nossas dúvidas porque muitas vezes por vergonha não perguntamos a aula acaba e continuamos com as dúvidas. Tem professor que explica e eu não entendo nada.

Sobre os conteúdos o entrevistado D considera que:

Os conteúdos são diferentes e a forma de ensinar também, lá no maranhão quase não fazia tarefa aqui faço muita, tenho dificuldades e minha mãe não consegue me ajudar quase todo dia vou sem fazer a tarefa para a escola, tenho dificuldades de entender.

Em suma, as entrevistas preliminares realizadas para a escrita desse texto, demonstraram que apesar da boa receptividade da unidade escolar aos alunos migrantes entrevistados, infelizmente, o preconceito é silencioso e muitos preferem não comentar sobre o assunto e acabam escolhendo um discurso que não promova conflitos a ninguém a fim até mesmo de se protegerem.

É ainda preciso considerar que se por um lado os problemas de adaptações ao processo de ensino aprendizagem são referenciados pelos alunos migrantes, por outro, ao entrevistar uma das coordenadoras pedagógicas, o atraso dos alunos, a dificuldade de escrita e leitura de interpretação e compreensão da maioria dos alunos migrantes, sobretudo, da região nordeste são elementos desafiadores para os professores que trabalham com salas cheias e ecléticas em várias questões.

Enfim, o problema da inserção escolar é grave e exige maior atenção para evitar a exclusão e aplicar os direitos de todos de terem uma educação de qualidade. Portanto, as

condições de trabalho do professor muitas vezes é precária e sozinho não consegue fazer todo o trabalho que deveria ser feito pela comunidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão social, principalmente no espaço escolar é um assunto emergente que exige cuidado e reflexões particulares, sobretudo, quando se trata de alunos migrantes nordestinos que na maioria das vezes tiveram vidas marginalizadas pela pobreza e falta de oportunidades.

Por ser o principal ponto de contato do sujeito com o novo lugar, a escola tem um papel importante na sua inserção na cultura local. Portanto, Acolher todas as pessoas, sem exceção, no sistema de ensino, independentemente de cor, classe social e condições físicas e psicológicas, ainda é algo desafiador, pois se trata da recepção de toda a comunidade escolar.

Desse modo, é preciso repensar novas formas de integralizar os alunos nas mais diversas situações que poderão passar. No caso das escolas publicas de Quirinópolis, a unidade escolar deverá ter conhecimento das dificuldades dos migrantes e promover ações que os possibilitem ter as mesmas condições de aprendizagem dos demais.

Assim, repensar a prática docente, para atender as demandas apresentadas cotidianamente na vida escolar é papel do professor. Criar possibilidades de integrações como aproveitar o conhecimento do aluno migrante e relacioná-lo com conteúdos curriculares pode aproximar as relações e ir aos poucos afastando os preconceitos e respeitando as diversidades étnicas na sala de aula.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M.S.F. Inclusão social e municipalização. In: MANZINI, E.J. (org) **Educação Especial temas atuais**, Marília Publicações: Marília SP, 2000.

_____. **Educação Inclusiva**. A escola v.3. 25p. Brasília – DF, MEC/SEESP, 2004. Disponível em <<<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/txt/aescola.txt>>>. Acesso em: 23 mar, 2011.

WALDMAN, Tatiana Chang. **O acesso á educação escolar de imigrantes em São Paulo: A trajetória de um direito**. São Paulo, 2012.

RODRIGUES, Uelinton Barbosa. **Migração Internacional dos Goianos: a desterritorialização globalizada do trabalho**. Goiânia, 2007.

TEIXEIRA, Paulo Eduardo BRAGA, Antonio Mendes da Costa, BAENINGER, Rosana (org). **Migrações: implicações passadas, presentes e futuras** /Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

MARQUES, Luisa. **A integração de minorias linguísticas migrantes na Escola**. Janeiro 2007.

SILVA, Ana Celeste. **Geografia Escolar e Educação para a Cidadania**. 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 25ª edição (Coleção Leitura), 1996.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes [et al]; PICONEZ, Stela C. Bertholo (coord). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas, SP: Papirus, (Coleção Magistério: Formação e trabalho Pedagógico). 1991.

SANTOS, Miriam de Oliveira. **Migração e Educação: analisando o cotidiano escolar na Região Metropolitana do Rio de Janeiro**. *Revista PerCursos*. Florianópolis, v. 15, n.28, p. 95 - 119. jan./jun. 2014.

SILVA, Gilcileide Rodrigues da. MORAES, Jacqueline Rodrigues. **A Geografia em sala de aula: Reflexão e ação no estágio supervisionado na educação básica**. *Revista Homem, Espaço e Tempo* março de 2009.